ASPECTOS DA DIÁSPORA AFRICANA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO:
UM ROTEIRO DE EXPERIÊNCIAS E SABERES

memotur
Núcleo Multidimensional
de Memória e Turismo











Aspectos da Diáspora Africana no Estado do Rio de Janeiro: Um roteiro de experiências e saberes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rios, Débora Anizio
Aspectos da diáspora africana no estado do Rio de Janeiro [livro eletrônico] : um roteiro de experiências e saberes / Débora Anizio Rios, Maria Amália Silva Alves de Oliveira. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro, RJ : Ed. das Autoras, 2026.
PDF

ISBN 978-65-01-99811-4

1. Cultura afro-brasileira 2. Africanos - Rio de Janeiro (RJ) - História 3. Diáspora africana - Brasil 4. Escravidão - Brasil - História 5. Memórias 6. Roteiros I. Oliveira, Maria Amália Silva Alves de. II. Título.

26-344866.2 CDD-305.89608131

Índices para catálogo sistemático:

1. Diáspora africana : Rio de Janeiro : Cidade : Sociologia 305.89608131

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Aspectos da Diáspora Africana no Estado do Rio de Janeiro: um roteiro de experiências e saberes.

Projeto
Projeto Memória e Turismo: Culturas E Comunidades Tradicionais Do Estado Do Rio De Janeiro Em Perspectiva

Autoras
Débora Anizio Rios
Maria Amália Silva Alves De Oliveira

Pesquisadora responsável pelo projeto
Maria Amália Silva Alves De Oliveira

Produção Executiva
Heidi Ferreira da Costa

Diagramação e Design
Thais Ensenat
Robledo Magalhães

Imagens
Débora Anizio Rios
Heidi Ferreira da Costa
Parque Arqueológico e Ambiental de São João Marcos

Agradecimentos
Quilombo da Marambaia
Quilombo Santa Justina e Santa Isabel
Parque Arqueológico e Ambiental de São João Marcos

Apoio
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
PPGMS – Unirio
PPGEC – Unirio

Financiamento
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ

Esta produção faz parte do Projeto Memória e Turismo: culturas e comunidades tradicionais do estado do Rio de Janeiro em Perspectiva.

SUMÁRIO

Clique no menu para ser redirecionado

CAPÍTULO 1
PEQUENA ÁFRICA

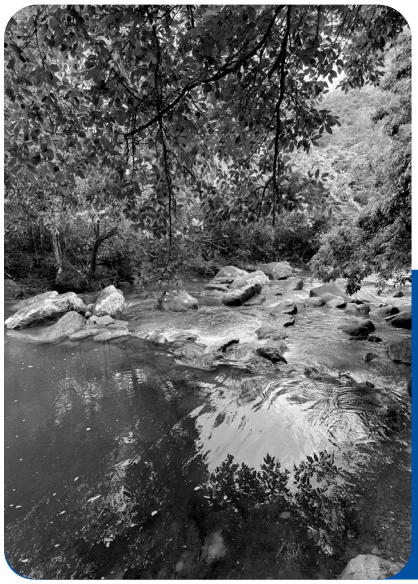




CAPÍTULO 2
MANGARATIBA



CAPÍTULO 3
QUILOMBO DA MARAMBAIA



CAPÍTULO 4
QUILOMBO DE SANTA JUSTINA E SANTA ISABEL

CAPÍTULO 5
PARQUE ARQUEOLÓGICO E AMBIENTAL DE SÃO JOÃO MARCOS



Introdução

A publicação “Aspectos da diáspora africana no estado do Rio de Janeiro: um roteiro de experiencias e saberes” surge com o objetivo de conectar diversos aspectos da escravidão do Brasil, apontando semelhanças e ressaltando diferenças relacionadas aos locais para onde as pessoas escravizadas eram levadas.

Partindo de dois portos de chegada — o Cais do Valongo e a Ilha da Marambaia —, o Roteiro apresenta aspectos da vida e legados dessas pessoas relacionados a chegada, ao cotidiano e a resistência (que pode ser percebida nos aspectos culturais e sociais de suas existências). Cada local traz também seus “causos” e personagens.

Esta publicação foi inspirada pelas localidades que já eram objeto de pesquisa e trabalho da equipe do projeto, por isso são elas que figuram esta primeira edição do roteiro. No entanto, o intuito é que ele seja frequentemente expandido, especialmente por comunidades que nos contatem demonstrando interesse de serem incluídas em edições futuras. Para os leitores, este roteiro se apresenta não apenas como uma fonte de informações, mas como um convite: para que entrem em contato, visitem e conheçam a riqueza cultural dos locais aqui descritos.

Nossos contatos para maiores informações, sugestões e solicitação para inclusão no roteiro são:

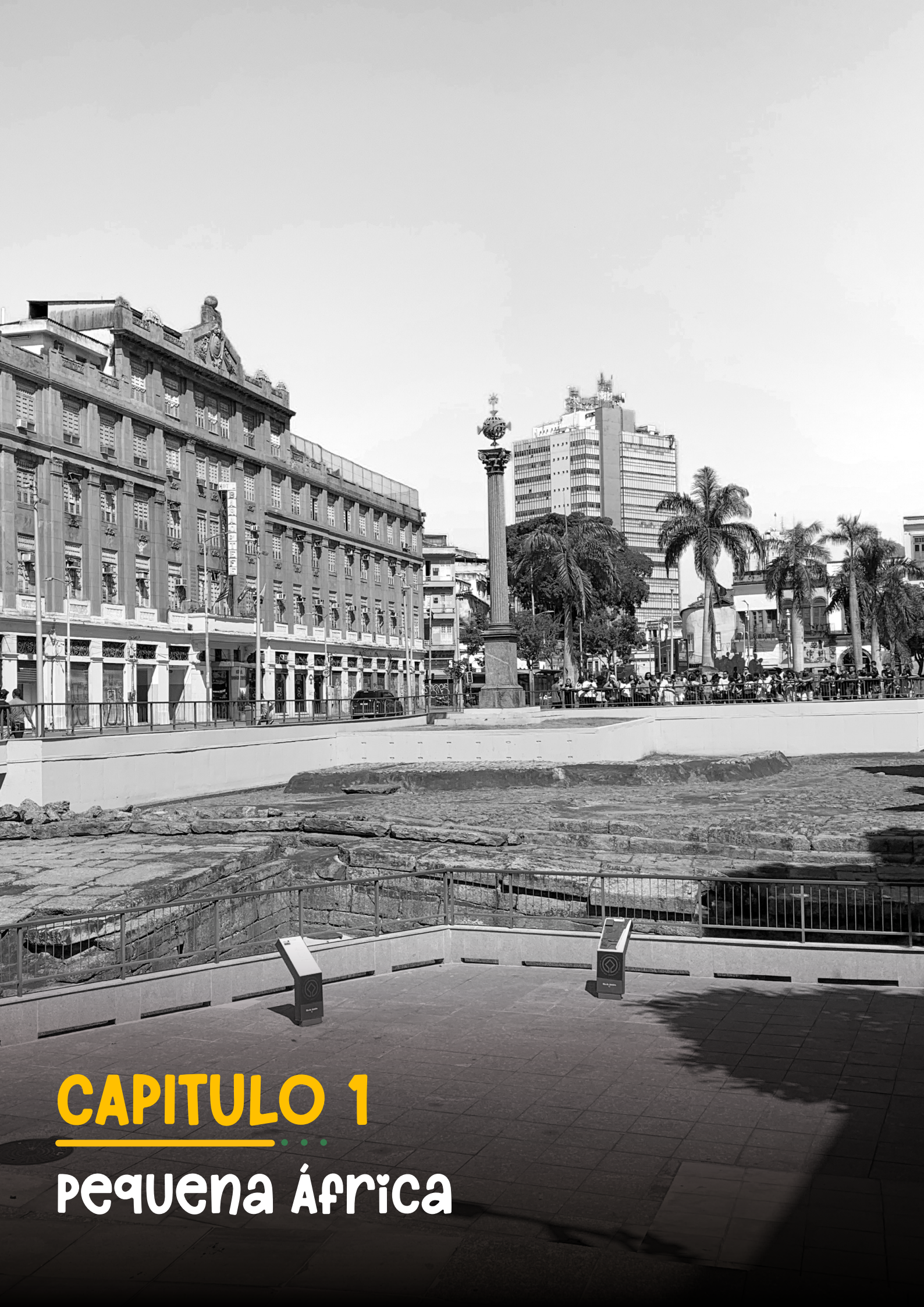
Site: www.memotur.com.br
Facebook: https://www.facebook.com/Projetomemotur/
Instagram: @projetosmemotur
E-mail: contato@memotur.com.br



Mapa Memórias da Escravidão no Estado do Rio de Janeiro



- Pequena África
- Mangaratiba
- Quilombo da Marambaia
- Parque Arqueológico e Ambiental de São João Marcos
- Comunidade Quilombola de Santa Justina e Santa Izabel



CAPITULO 1

Pequena África



Introdução

Apadrinhados pelo pintor e compositor Heitor dos Prazeres, da região conhecida como Pequena África, os bairros da Praça Onze, Cidade Nova, Saúde, Gamboa e Santo Cristo, que compõem a atual área portuária do Rio de Janeiro, preservam locais que narram a história de milhares de africanos desembarcados no antigo Cais do Valongo para serem escravizados. Esse cais, hoje transformado em sítio arqueológico e reconhecido como Patrimônio da Humanidade, pela Unesco, soma-se a outros espaços, como a Pedra do Sal e o Cemitério dos Pretos Novos, para contar sobre a vida desses sujeitos, que, em seu cotidiano, criaram uma África brasileira e carioca, gestada na resistência de personagens como Tia Ciata, cujas casas se tornaram espaços de acolhimento, liberdade, criatividade e ancestralidade. A experiência de percorrer esses caminhos, é a de presentificar esse passado memorado a cada passo nos sabores e histórias. Herança daqueles que estiveram ali, e celebração da vida dos que continuam a pulsar como potência criativa e cultural do Brasil.



Chegada

As ordens do Marquês de Lavradio, no final do século XVIII, determinaram a transferência do desembarque de africanos escravizados e de todo o comércio escravagista para a região do Valongo. Construído por volta de 1811, o Cais do Valongo tornou-se o principal porto de chegada de milhares de pessoas escravizadas no Brasil. Após a proibição do tráfico transatlântico, em 1831, o Cais continuou sendo utilizado comercialmente até ser aterrado, em 1843, para a chegada da imperatriz. Somente em 2011 seus vestígios foram revelados por meio de pesquisas arqueológicas. Reconhecido como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO, o local é hoje um espaço de memória e ancestralidade, que convida à reflexão sobre o passado e seus impactos no presente.

Av. Barão de Tefé - Saúde, Rio de Janeiro - RJ, 20220-460

Sítio Arqueológico Cemitério dos Pretos Novos

Com a transferência do mercado de escravizados para a região do Valongo, o antigo cemitério localizado no Largo de Santa Rita foi realocado para as proximidades do Cais do Valongo. Esse novo local tornou-se o espaço destinado ao sepultamento dos chamados “pretos novos”, termo que designava os cativos que faleciam durante a travessia do Atlântico ou logo após chegarem ao Brasil. Em 1996, durante obras na fundação de um sobrado no bairro da Gamboa, foram encontrados restos mortais de homens, mulheres e crianças que haviam sido sepultados ali. Esses achados deram origem ao Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos, em 2005. Em 2017, as pesquisas arqueológicas revelaram o esqueleto de uma jovem, batizada de Bakhita. Sua descoberta expõe não apenas as condições desumanas enfrentadas pelos escravizados, mas também as violações sofridas por seus corpos mesmo após a morte.



Endereço: R. Pedro Ernesto, 32-34 - Gamboa, Rio de Janeiro - RJ, 20220-350

Contato: (21) 96465-9983

Horário de funcionamento: de terça a sexta das 10h às 16h sábados das 10h às 13h

Instagram: @institutopretosnovos

Jardim Suspenso do Valongo

Inaugurado em 1906, durante um período de intensas reformas urbanas na cidade do Rio de Janeiro, o jardim foi oficialmente apresentado como uma obra de embelezamento da região e de contenção de uma das encostas do Morro da Conceição. A construção se deu na rua Camerino, anteriormente conhecida como Rua do Mercado, notória pelo comércio de pessoas escravizadas e por atividades relacionadas a esse sistema. Com estátuas de inspiração greco-romana e arquitetura de estilo eclético de molde francês, o jardim simboliza o silenciamento do passado escravista e a tentativa de impor uma cultura eurocêntrica, considerada erudita, sobre uma área marcada pelas manifestações afro-diaspóricas, frequentemente marginalizadas e criminalizadas no início do século XX. A antiga Casa da Guarda, hoje abriga o Casarão Cultural João de Alabá e recebe atividades culturais ligadas a celebração da herança africana.

Endereço: R. Camerino - Saúde, Rio de Janeiro - RJ, 20080-011



Outros pontos de interesse (cotidiano)

Largo de São Francisco da Prainha

Localizado no sopé do Morro da Conceição, o Largo de São Francisco da Prainha ocupa uma área que, no passado, abrigava uma praia que se estendia até a atual Praça Mauá. O largo recebeu seu nome da Igreja de São Francisco da Prainha, construída em 1696 no estilo barroco jesuíta. Atualmente, o local é um dos principais pontos de encontro da Pequena África, oferecendo uma ampla variedade de bares, restaurantes e atrações culturais que mantêm a região vibrante e repleta de vida.



Endereço: Largo São Francisco da Prainha - Saúde, Rio de Janeiro - RJ, 20081-270

Instagram: @largodaprainha

Igreja de Santa Rita/Largo de Santa Rita

Aponta-se que o Largo de Santa Rita abrigou o primeiro cemitério de pretos novos da cidade, ativo em meados do século XVIII, antes de sua transferência para o Valongo. Durante obras de infraestrutura urbana na região, intensos debates levaram à demarcação do antigo cemitério com pedras portuguesas em forma de Rosas Negras, como forma de homenagem a essas vidas.



Endereço: Largo de Santa Rita, s / nº - Centro, Rio de Janeiro - RJ, 20091-007

Contato: (21) 97908-2767

Largos dos Estivadores/Depósito

O nome Largo dos Estivadores foi adotado em 1904, em referência à fundação do Sindicato dos Estivadores. Já sua antiga denominação “Largo do Depósito” faz referência ao seu lugar central no comércio de pessoas escravizadas, e de venda de materiais relacionados, como instrumentos de tortura.

Resistência

Pedra do Sal

Localizada no bairro da Saúde e tombada como patrimônio histórico e reconhecida como quilombo urbano em 2005, a Pedra do Sal é um marco histórico e cultural ligado à herança afro-brasileira e às origens do samba urbano carioca. Também conhecida como Pedra da Prainha, serviu, no período colonial, para o desembarque de sal e extração de pedras para construções. No século XIX, tornou-se ponto central da região chamada Pequena África. Nela surgiram os primeiros ranchos carnavalescos e foi ponto de encontro para batuques, cultos religiosos e rodas de samba organizados nas Casas de Zungu, administradas pelas tias baianas. No Largo João da Baiana acontecem as tradicionais rodas de samba e outras atividades de celebração da herança africana.



Endereço: R. Tia Ciata - Saúde, Rio de Janeiro - RJ, 20081-040

Instagram: @pedradosaloficial

Armazém Docas André Rebouças (Antigo Docas D. Pedro II)

Edifício idealizado pelo engenheiro André Rebouças para otimização das atividades portuárias na capital do império em meados do século XIX. Construído com mão de obra remunerada em um período em que a escravidão ainda vigorava, Rebouças sofreu com muitas intercorrências políticas para finalizar as obras como planejado. Inicialmente pensado para ter 5.600 metros, foi finalizado em 1871, com apenas 160. Posteriormente o prédio fez parte dos projetos de ampliação da Zona portuária, até que um incêndio o consumiu por completo em 1919, deixando somente suas fundações que serviram de base para a estrutura atual construída pelo Ministério da Guerra, em 1922.

Endereço: Av. Barão de Tefé, 75 - Saúde, Rio de Janeiro - RJ, 20220-460

Casa 13

Segundo historiadores, localizada no Largo da Prainha, a casa de número 13, era uma casa de zungu. Esses espaços eram lugares de encontro e liberdade para práticas culturais de africanos e seus descendentes no século XIX, e início do século XX.

Endereço: Largo de São Francisco da Prainha, 13, Saúde



Outros pontos de interesse (resistência)

Monumento a Zumbi dos Palmares

Idealizado por Darcy Ribeiro, o monumento em homenagem ao líder quilombola Zumbi dos Palmares foi inaugurado em 1986, na Praça Onze. O personagem representado é um rei nigeriano do século XII, a estátua foi construida por artistas do Reino de Benin e guardada até hoje no Museu de Londres.



Praça da Harmonia

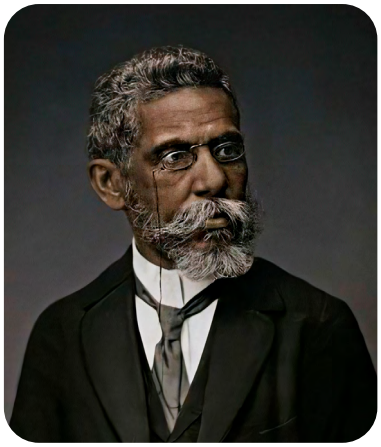
A praça foi um dos palcos da Revolta da Vacina, embate liderado na região pelo estivador e capoeira Horácio José da Silva, o Prata Petra.

Personagens importantes

Mercedes Baptista

Pioneira do Balé e da Dança Afro no Brasil. Foi a primeira mulher negra a integrar o corpo de baile do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Inspirada por Katherine Dunham, criou em 1953 o Ballet Folclórico Mercedes Batista, dedicado à valorização da dança afro-brasileira e sua herança cultural. Um monumento foi erguido em sua homenagem no Largo de São Francisco da Prainha, em 2016.





Machado de Assis

"O vosso desejo é conservar, no meio da federação política, a unidade literária", proferiu Machado de Assis em seu discurso de inauguração da Academia Brasileira de Letras, a qual ajudou a fundar. Criado no Morro do Livramento, na zona portuária do Rio de Janeiro, tornou-se um dos maiores escritores da literatura em língua portuguesa.

Pixinguinha

Pixinguinha, ou no dialeto de sua avó Edwiges "Pidinzin", o "menino bom", se consagrou como o mestre do choro. Alfredo da Rocha Vianna Filho foi flautista e compositor e um dos maiores gênios da música brasileira.



Heitor dos Prazeres

Compositor e artista plástico, teria conjugado a presença de descendentes africanos e baianos as manifestações culturais ancestrais, religiosas e diaspóricas, como o samba, conectando-as com o território que viveu ao longo de sua vida, o denominando Pequena África. Sobrinho do pioneiro dos ranchos cariocas, Hilário Jovino Ferreira, participou da fundação de escolas de samba, como Estácio, Portela e Mangueira.



João Alabá de Omolu

Babalorixá responsável por um dos primeiros terreiros de candomblé fora da Bahia, localizado na Rua Barão de São Félix, no bairro da Gamboa, Rio de Janeiro. Foi presidente da Liga Africana, agremiação carnavalesca fundada no início do século XX.

Prata Preta

Estivador e capoeirista Horácio José da Silva liderou o embate com o Exército durante a Revolta da Vacina no início do século XX, na região da Saúde, nas imediações da praça da Harmonia. Sua figura representa a luta contra o autoritarismo do Estado manifestado pela vacinação compulsória da população.



Donga

Filho de Tia Amélia, iniciou ao cavaquinho ainda adolescente, aos 14 anos. Junto a Mauro de Almeida, compôs o que é considerado o primeiro de todos os sambas "Pelo Telefone", em 1917, no quintal de Hilária Batista de Almeida, a Tia Ciata.

João da Baiana

Um dos precursores do samba, vizinho de Donga e Heitor dos Prazeres, João da Baiana cresceu na Rua Senador Pompeu. Participou das primeiras agremiações carnavalescas, conhecidas como ranchos, atuando como porta-machado, abrindo os desfiles. Hoje, o Largo João da Baiana, localizado na Pedra do Sal, homenageia sua contribuição à cultura brasileira.



Tias baianas

Essas mulheres, muitas vindas da Bahia, tiveram papel fundamental na resistência das manifestações afro diaspóricas no início do século XX. Fazendo de suas casas lugares acolhedores, Tia Bibiana, Tia Prisciliana (mãe de João da Baiana), Tia Monica, Tia Amélia (mãe de Donga), Tia Ciata, entre tantas outras, foram protagonistas em seus ofícios enquanto sacerdotisas e empreendedoras com seus quitutes e confecções.

André e Antônio Rebouças

Os irmãos Rebouças, nascidos na Bahia, tiveram uma trajetória de grande relevância durante o Brasil Imperial. Destacaram-se no desenvolvimento da engenharia e na introdução de novas tecnologias para otimizar as atividades portuárias. Além disso, participaram ativamente de movimentos coletivos, como as campanhas abolicionistas e as iniciativas em prol da reforma agrária.



Espaços e instituições culturais

Centro Cultural José Bonifácio - MUHCAB

Site: https://www.rio.rj.gov.br/web/muhcab
Endereço: R. Pedro Ernesto, 80 - Gamboa, Rio de Janeiro - RJ, 20220-350
Instagram: @tmuhcab.rio
Horário de funcionamento: de terça a domingo das 10h s 17h

Casarão Cultural João do Alabá

Endereço: R. Camerino, SN - Centro, Rio de Janeiro - RJ, 20080-010
Instagram: @casaraoalaba
Horário de funcionamento: de terça a domingo das 10h às 17h

Casa da Tia Ciata

Endereço: R. Camerino, 5 - Gamboa, Rio de Janeiro - RJ, 20080-011
Instagram: @casatiaciata
Horário de funcionamento: terças e quintas das 14h as17h, sextas das 14h às 18h

Casa Escrevivência de Conceição Evaristo

Endereço: Beco João Inácio, 4 - Saúde, Rio de Janeiro - RJ, 20081-280
Instagram: @casaescrevivenciaficial

Centro de Cultura Única

Endereço: R. Sacadura Cabral - Saúde, Rio de Janeiro - RJ, 20081-261
Instagram: @centroculturaunica
Horário de funcionamento: segunda a sexta das 08h as 20h

Quilombo Cultural Casa do Nando

Endereço: R. Camerino, 176 - Centro, Rio de Janeiro - RJ, 20080-011
Instagram: @acasadonando
Horário de funcionamento: segunda a quarta a partir das 16h, quinta a sábado a partir das 12h

Casa Amarela

Endereço: Ladeira do Barroso, 229 - Gamboa, Rio de Janeiro - RJ, 20221-310
Instagram: @casaamarelaprovidencia
Horário de funcionamento: De segunda a sexta a partir das 09h

Música, Dança, Teatro e Cinema

A.R.E.S. Vizinha Faladeira

Endereço: R. Nabuco de Freitas, 19 - Santo Cristo, Rio de Janeiro - RJ, 20210-072
Instagram: @oficialvizinhafaladeiraares

Cordão do Prata Preta

Instagram: @cordaodopratapreta

Eventos

Lavagem do Cais do Valongo

A lavagem simbólica do Cais do Valongo é um evento anual que ocorre todo o primeiro sábado do mês de julho. A cerimônia é conduzida pela yalorixá mãe Edelzuita de Oxaguian, que vinda de Salvador, trouxe para o Cais o simbolismo da Lavagem do Bonfim. Desde 2014, está inserido no calendário oficial de eventos da cidade do Rio de Janeiro, por meio do decreto nº 5.820.

Endereço: Av. Barão de Tefé - Saúde, Rio de Janeiro - RJ, 20220-460



Roda de Danças Afro-Brasileiras

Realizadas mensalmente pelo Centro Cultural Tambor de Cumba, as Rodas de Danças Afro-Brasileiras são encontros que celebram a riqueza cultural e a ancestralidade africana. Além das rodas de dança, o centro também promove oficinas diversas no Cais, proporcionando um espaço de aprendizado, troca e valorização das tradições afro-brasileiras.

Endereço: Travessa do Ouvidor 37/301 Centro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro

Instagram:@tambordecumba

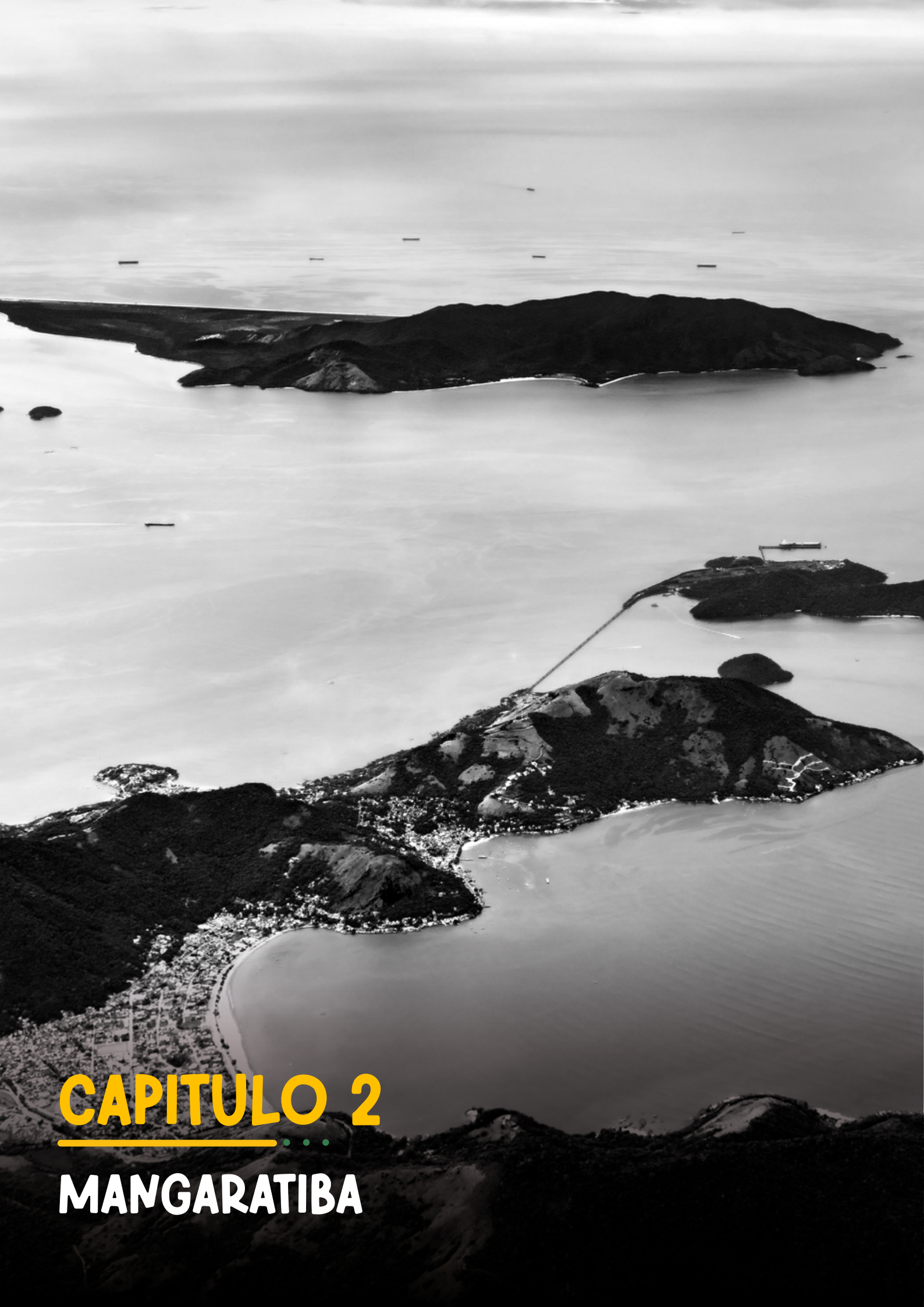
Cortejo Afoxé Filhos de Ghandi em homenagem a Iemanjá – 02 de fevereiro

O Afoxé Filhos de Ghandi é o bloco afro mais antigo da cidade do Rio de Janeiro, também reconhecido como Ponto de Cultura. Em 02 de fevereiro realiza o tradicional cortejo a Iemanjá, saindo de sua sede na rua Camerino, 7-9, na Saúde. Além disso, o grupo carnavalesco participa de diversos eventos na região, como a Lavagem do Cais do Valongo, além de oferecer oficinas culturais para a comunidade.



Endereço: R. Camerino, 7 - e 9 - Saúde, Rio de Janeiro - RJ, 20080-011

Instagram: @filhosdegandhirio



CAPITULO 2

MANGARATIBA



Introdução

Mangaratiba, localizada na Costa Verde do estado do Rio de Janeiro, foi uma das cidades mais importantes para a economia brasileira, especialmente no século XIX. Ela se destacou no escoamento da produção cafeeira do Médio Paraíba, proveniente de cidades como São João Marcos, Barra Mansa e Piraí, rumo ao litoral. Além disso, Mangaratiba tornou-se um dos principais portos de desembarque de africanos escravizados para trabalhar nas lavouras de café, mesmo após a proibição do tráfico transatlântico, sendo um porto ilegal até meados do século XIX. A cidade preserva um vasto patrimônio histórico-cultural que rememora esse passado, como as ruínas de antigas fazendas onde eram realizados leilões de pessoas escravizadas e a primeira estrada de rodagem do país, por onde milhares dessas pessoas foram forçadas a passar. Mangaratiba também abriga as comunidades quilombolas de Santa Justina/Santa Izabel e da Marambaia, que preservam, em sua materialidade e oralidade, memórias ancestrais que até hoje reverberam em suas vivências.

Chegada

O “Porto do Saco” foi um dos principais pontos de escoamento da produção cafeeira no Brasil durante o século XIX. Recebia mercadorias vindas de municípios como São João Marcos, transportadas pela Estrada Imperial até Mangaratiba. Além disso, o local foi usado para o tráfico ilegal e leilões de pessoas escravizadas, destinadas ao trabalho forçado nas plantações cafeeiras do médio Paraíba fluminense, sul de Minas Gerais e oeste paulista. Tombado pelo INEPAC em 1979, o parque é hoje um marco histórico que preserva a memória da antiga prosperidade econômica da região, que atingiu seu auge e declínio com o ciclo do café.

Estr. São João Marcos - Mangaratiba, RJ, 23860-000



Parque Arqueológico e Ambiental Praia do Sahy

Com mais de 40 mil metros quadrados, aponta-se que dentro do sítio estão vestígios da sede administrativa do antigo “Engenho do Gago”. Aponta-se que a estrutura desse local contava com um cais, cemitério, capela, senzalas, trapiche, casas sobradadas, ruas calçadas em pé de moleque e estruturas muradas. No local, realizavam-se leilões e o desembarque clandestino de africanos escravizados, que seguiam para as fazendas em um dos primeiros caminhos entre o litoral e a serra. As ruínas da Praia do Sahy, na foz do Rio Sahy, é o maior sítio arqueológico da região de Mangaratiba, registrado pelo IPHAN e sob a tutela da Fundação Mário Peixoto.



Endereço: Praia do Sahy Perto da foz do rio do Sahy

cotidiano

Sítio Histórico da Fazenda Cruz das Almas – Morro do Conguinho (Estrada do Conguinho)

Aberta em 1778, a “Estrada do Conguinho” conectava o Rio de Janeiro a Angra dos Reis, sendo utilizada inicialmente para o transporte de tropas e, mais tarde, para o tráfico de escravizados desembarcados em Mangaratiba. Em 1838, a Câmara de Mangaratiba, liderada por Domingos Joaquim de Araújo Osório, proprietário da Fazenda Cruz das Almas, determinou seu fechamento. A justificativa foi o abandono do caminho desde 1821, seu mau estado de conservação e o uso por “malfeitores”. Na prática, o objetivo era dificultar o transporte clandestino de africanos escravizados até os barracões do Porto do Saco, algo que foi temporariamente alcançado com a interdição da estrada junto à antiga fazenda. No entanto, comerciantes liderados pelo comendador Breves, posteriormente conseguiram reverter a decisão e reabrir o caminho.

Endereço: Entre a Estrada RJ-14 e a antiga “Estrada do Conguinho”

Conjunto Arquitetônico da Estrada Imperial (Serra do Piloto)

Considerada por historiadores como a primeira estrada de rodagem do país, sua estrutura e outros monumentos de seu trajeto foram construídos a partir de mão-de-obra escravizada além do trabalho assalariado de colonos chineses, portugueses e brasileiros. Inaugurada em 1857, com cerca de 40km de extensão, liga Mangaratiba a Rio Claro através da Serra do Piloto e teve como objetivo facilitar o escoamento da produção de café do vale do Paraíba para o Porto do Saco. Um dos maiores acionistas foi Irineu Evangelista de Sousa, o barão de Mauá.

Endereço: Serra do Piloto

Bebedouro da Barreira

Localizado na Serra do Piloto, ao longo da antiga Estrada Imperial, o Bebedouro da Barreira foi inaugurado em 1857 como um ponto de parada para os viajantes se refrescarem enquanto pagavam o pedágio para utilizar a estrada, que era privatizada. Em frente ao bebedouro, há um sítio arqueológico que preserva vestígios da Estrada do Atalho, as ruínas da casa onde funcionava o pedágio, uma área pavimentada e um cemitério que se conta ser de escravizados, com 102 túmulos cobertos por pedras.



Endereço: Estr. São João Marcos - Serra do Piloto, Mangaratiba - RJ, 23860-000



Cachoeira dos Escravos

A Cachoeira dos Escravos, situada às margens da antiga Estrada Imperial, é um marco histórico associado à engenharia do período. Para controlar o fluxo da queda d'água e evitar que ela invadisse a estrada durante as chuvas, foi construído um sistema composto por um biombo (barragem divisória) e duas galerias escavadas diretamente na rocha. Elas conduzem a água até uma muralha que acompanha a curva onde a cachoeira está localizada, garantindo a preservação da via. A denominação "Cachoeira dos Escravos" é a única referência a esses indivíduos parte da história da cidade.

Endereço: RJ-149, Estr. São João Marcos - Serra do Piloto, Mangaratiba, Rio Claro - RJ, 23860-000

Estrada do Atalho

A obra da primeira estrada de rodagem de Mangaratiba, com o objetivo de ligar a cidade a São João Marcos, teve início em 1833, custeada pela Província do Rio de Janeiro e administrada por Joaquim José de Sousa Breves, principal interessado pela facilidade que essa traria ao escoamento das mercadorias diretamente ao Porto do Saco. No entanto, com a construção da Estrada Imperial, o projeto foi abandonado, não concluído e acabou servindo apenas como um "atalho". Ao longo da via, encontra-se um cemitério com covas rasas com 102 sepulturas cobertas por pedras, que, segundo pesquisadores, apresenta características típicas dos antigos "cemitérios de escravos".

Resistência
Causos

Revolta do Sahy e a Pedra da Liberdade

Também conhecida como Pedra do Banquete ou Conquista, conta-se que capatazes da Ilha Grande, parentes dos Breves e conhecidos como "compadres", vieram ajudar na coordenação dos escravizados em Mangaratiba. Durante uma viagem, um capataz levou os senhores na canoa Flor dos Mares até o Abraão, de onde embarcaram no navio Marambaia rumo ao Rio de Janeiro. Ao retornar ao Sahy, foi confrontado pelos escravizados, que amarraram uma pedra ao seu pescoço e o lançaram ao mar na própria canoa, ainda na Baía de Sepetiba. Após o ato, os escravizados invadiram a despensa da casa grande, consumindo alimentos e bebidas. À noite, organizaram um batuque e, ao amanhecer, realizaram um suicídio coletivo, atando-se a cipós e saltando da pedra, um ato de resistência que desestabilizou a estrutura do tráfico local.

Endereço: Mangaratiba, RJ, 23860-000



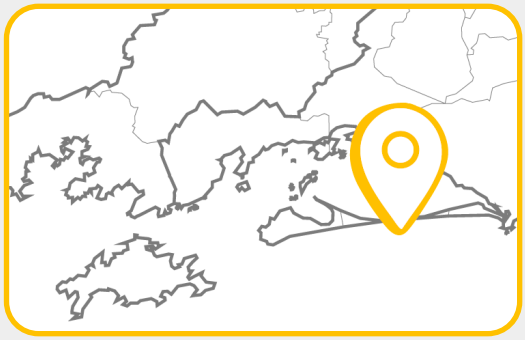
CAPITULO 3

COMUNIDADE QUILOMBOLA DA ILHA DA MARAMBAIA

Eu nasci, nasci de Angola. Angola que me criou. Hoje estou na Marambaia, moreno. E por isso negra sou”

@quilombo_marambaia
@filhosdamarambaia







Introdução

O Quilombo da Marambaia está situado na ilha de mesmo nome, localizada em Mangaratiba, na região da Costa Verde do Rio de Janeiro. Sua história carrega as memórias dos milhares de africanos que chegaram às suas praias para serem vendidos e escravizados nas plantações de café. A resistência desses sujeitos deixou um legado de vivências, tradições ancestrais e memórias que continuam a ser transmitidas oralmente, de geração em geração, pelos griôs da comunidade, como no jongo, que reflete a força da cultura africana na construção da identidade local. A luta pela titulação do território ganhou destaque na década de 1980, culminando na fundação da Associação da Comunidade dos Remanescentes de Quilombo da Ilha da Marambaia (ARQIMAR) em 2003. Dois anos depois, a Fundação Cultural Palmares (FCP) certificou seus moradores. Em 2014, a comunidade conquistou o reconhecimento legal de suas terras por meio de um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC).

Chegada

As ruínas da praia da Armação são vestígios de uma das construções mais antigas de Mangaratiba. Inicialmente, no século XVII e início do século XVIII, o local abrigava uma armação baleeira. Posteriormente, no final desse mesmo período, tornou-se um engenho de açúcar e aguardente, utilizando mão de obra negra escravizada. Em 1847, a fazenda foi arrendada pelo Comendador Joaquim José de Souza Breves, que a transformou em um entreposto para o tráfico negreiro, proibido desde 1831. Nesse local, escravizados eram mantidos para “engorda” antes de serem vendidos para fazendas no litoral. Atualmente, todo dia 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, a comunidade local se reúne nas ruínas para celebrar a resistência e a ancestralidade dos africanos escravizados que passaram por ali, preservando sua memória e reforçando a importância de sua luta.



Cotidiano/Resistência

Cachoeira da praia do João Manoel

A Praia do João Manoel desempenhava um papel significativo nas práticas religiosas de matriz africana na Marambaia. As cerimônias eram realizadas na cachoeira local, onde os moradores se reuniam para cultuar e fazer oferendas. A relevância espiritual da praia é reconhecida tanto na oralidade da comunidade quanto pelo Incra, que, ao visitar o local e identificar a cachoeira com as imagens, recomendou sua inclusão na titulação do território quilombola. Junto com a Praia do Caju, a Praia do João Manoel abriga as maiores nascentes de água da região, essenciais para a comunidade.

Cemitério Local

Inaugurado na década de 1940 com o sepultamento de "Vó" Camila, o cemitério local serve como um espaço de acolhimento para os moradores, proporcionando a possibilidade de enterrar seus entes queridos em seu território ancestral.

"Fogo no navio negreiro" – praia do Sino

Em um ato de resistência, escravizados a bordo de um navio negreiro dominaram a tripulação e queimaram o navio na praia do Sino. De acordo com Vânia Maria Guerra dos Santos, a revolta foi desencadeada pela morte de um negro importante durante a viagem. O corpo, jogado ao mar, foi trazido de volta pela maré, provocando profunda indignação entre os escravizados. Durante o motim, a capoeira foi utilizada como forma de resistência, sendo esse o único registro de seu uso nesse contexto na ilha. Vânia atribui a história à memória oral transmitida por moradores, como "dona" Vadinha, que ouviu os relatos de velhos conhecedores da história na Praia da Armação

"Salão do Rato/Toca do Rato"

Sua localização exata permanece desconhecida, mas sua memória é mantida viva por gerações. Relatos indicam que o local fica "no morro, lá para dentro" e abriga "pilastras e ferros da época da escravidão". Durante o período escravocrata, serviu como esconderijo para escravizados que fugiam, especialmente quando o Exército realizava recrutamentos forçados para a guerra. Muitos moradores, ainda crianças, recordam que visitar o local era proibido, pois os mais velhos alertavam sobre os perigos, afirmando que, se o segredo fosse revelado, "um mataria o outro". O lugar é descrito como um espaço de respeito e mistério, raramente explorado pelos moradores.

Causos

"O pau que acende"

O causo do "pau que acende" é uma lenda popular na Ilha da Marambaia, contada por várias gerações. Se trata de uma árvore, ou tronco de árvore, que, ao anoitecer, misteriosamente se ilumina. A explicação para o fenômeno varia entre os relatos. Alguns acreditam que o "pau que acende" era um sinal de presença sobrenatural, um local a ser respeitado e temido. Há quem diga que a causa da iluminação era um limo que se formava na árvore, e que refletia a luz da lua, criando a ilusão de que a árvore em si estava acesa. Em alguns relatos, o "pau que acende" era um elemento de histórias de assombração, como a do lobisomem e do "boitatá", que também assolavam a ilha.



Eventos

Dia da Consciência Negra

No dia 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, a comunidade realiza uma celebração dedicada à resistência e ancestralidade, considerada o evento mais importante do calendário local. Aberta a visitantes, a festividade acontece nas ruínas da antiga senzala da fazenda, na praia da Armação e inclui apresentações de jongo, capoeira e uma saborosa feijoada.



Espaços e instituições culturais

Espaço Cultural Di Quilombo

Endereço: praia da Pescaria Velha
Instagram: @centroculturaunica
Horário de funcionamento: sob agendamento



Personagens importantes

Negro Adriano

Na Ilha da Marambaia, Adriano, um dos primeiros negros a nascer livre, é lembrado como um personagem dúbio, mas que representa a resistência dos filhos de escravizados. É dito que ele enfrentou militares que buscavam recrutar negros à força para uma guerra indeterminada, enquanto os demais seguiam para a Toca do Rato, um esconderijo na ilha. Sua história é transmitida oralmente e foi registrada pelo jornalista Assis Chateaubriand, em 1927.

Vó Camila

Moradora mais longeva da ilha da Marambaia, "Vó" Camila faleceu com mais de 100 anos e é reconhecida como a primeira pessoa sepultada no cemitério local, inaugurado na década de 1940. Sua vida representa a trajetória dos ex-escravizados que permaneceram na ilha após a abolição e que, por meio da oralidade, transmitiram tradições e costumes.

CAPITULO 4

COMUNIDADE QUILOMBOLA DE SANTA JUSTINA E SANTA IZABEL

@quilombosantajustinaeizabel





Introdução

Localizado no Vale do Saco, em Mangaratiba (RJ), o Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel é formado por descendentes de escravizados que trabalharam na antiga Fazenda Cachoeirinha no século XIX. Após o declínio da produção cafeeira, causado principalmente pela abolição da escravidão em 1888, ex-escravizados e seus descendentes permaneceram na terra praticando agricultura de subsistência. No entanto, ao longo do século XX, seus direitos territoriais foram constantemente questionados e os moradores frequentemente explorados pelos fazendeiros que reivindicavam a posse da área, argumentando que eram improdutivas. Desde 1985, a comunidade luta pelo reconhecimento de seus direitos e pela preservação de sua história, cultura e identidade, obtendo certificação de remanescentes quilombolas da Fundação Cultural Palmares apenas em 2016. A comunidade se mantém a partir da agricultura familiar, com destaque para a produção de banana, principal fonte de renda local. Além disso, promove eventos como o Festival da Banana, Primavera e a Festa da Consciência Negra, que destacam sua rica gastronomia, incluindo doces de banana, mamão e laranja da terra, paçoca, licor de jabuticaba e juçaí.

Chegada/Cotidiano

Engenho da Cachoeirinha - Fazenda Cachoeirinha

A Fazenda Cachoeirinha, uma extensa propriedade, foi inicialmente dedicada ao cultivo de cana-de-açúcar, com ênfase na produção de açúcar e aguardente. No século XIX, com a expansão do café no Vale do Paraíba, a fazenda incorporou o cultivo cafeeiro, utilizando mão de obra escravizada. Devido à sua localização estratégica próxima ao porto do Saco, a região prosperou como um importante polo cafeeiro. Mesmo com o declínio do comércio de café, a produção de aguardente permaneceu como uma atividade econômica significativa. No território do quilombo de Santa Justina/Santa Izabel, ainda é possível encontrar as ruínas do antigo engenho, onde os antepassados dos atuais remanescentes trabalharam no passado.

Fazenda Santa Justina e ruínas da hidrelétrica Força e Luz

A antiga fazenda foi adquirida em 1924 por Victor Breves, ex-prefeito de Mangaratiba e neto do Comendador Breves. Sob sua gestão, a propriedade tornou-se uma das mais produtivas da região, graças à exploração do trabalho dos descendentes de escravizados que permaneceram na terra após o declínio do engenho da Cachoeirinha. No sistema de arrendamento baseado na produção, os moradores cultivavam arroz, laranjas, bananas e criavam gado leiteiro, galinhas e porcos. Para escoar essa produção, Breves fundou a empresa Santa Justa, conhecida especialmente pela Bananada Tita. Em 1915, Breves já havia construído na região a usina Força e Luz, que fornecia energia elétrica para Mangaratiba e Itacuruçá, mas não para os moradores do território. As ruínas das estufas de banana e da hidrelétrica permanecem no território como lembrança desse período pós escravidão, marcado pela exploração abusiva e precarização do trabalho vivenciado pelos remanescentes.



Fazenda Santa Izabel

Na mesma área da Fazenda Santa Justina, existiam bananais e criavam-se gado leiteiro. É nesse território que se encontram as ruínas da Fazenda da Cachoeirinha.

Resistência

Toca do Zé Vitor

Considerado um local sagrado, a Toca recebeu esse nome porque Zé Vitor realizava atividades religiosas de orientação espírita nesse espaço

Toca da Panela

A Toca da Panela é um local de grande importância histórica, nomeado devido à descoberta de panelas que, supostamente, foram feitas e deixadas pelos escravizados que habitaram a região no passado. O local é descrito como restrito e não há uma localização precisa de onde ele está localizado. Também há indícios de que a Toca da Panela pode ter sido utilizada como abrigo ou esconderijo durante o período da escravidão.

Causos

“Lenda do Escravo Acorrentado”

A lenda conta a história de um morador da Marambaia que se mudou para Mazomba, outra comunidade quilombola. Ele costumava visitar sua irmã em Santa Justina, partindo de Mangaratiba a pé, já que o transporte público era precário na época. Certa noite, ao passar em frente as ruínas do engenho, ouviu o som de correntes arrastando. Ao olhar para trás, avistou uma figura vestida de branco, acorrentada, caminhando em sua direção. Apavorado, ele correu até chegar em Santa Justina, demorando cerca de duas horas para se acalmar e contar o que tinha acontecido.

Lenda da Mulher do Lençol Branco

A história gira em torno de uma tia de uma moradora chamada Anita, que foi criada na comunidade com seus avós. Ela namorava um rapaz chamado Jorge, que morava em outra região e costumava atravessar o caminho de pedra à noite para a visitar. Em uma dessas ocasiões, enquanto caminhava embriagado, ele se deparou com uma mulher vestida com um lençol branco que o cercava. Assustado e sem saber para onde ir, se viu em um dilema entre seguir em frente ou voltar para trás. É relatado que, devido ao estado de embriaguez de Jorge, a comunidade nunca soube se a história era real ou fruto da imaginação. No entanto, a narrativa se perpetuou como a “Lenda da Mulher do Lençol Branco”.

Gavião Agoureiro

Acredita-se que a ave não pode pousar no telhado de ninguém, pois essa ação prenuncia a morte iminente de algum ente querido da família, por isso a denominação gavião “agoureiro”, ou seja, que traz maus presságios.

Eventos

- Festival da Banana (maio)
- Festa Caipira (junho)
- Festival da Primavera (setembro)
- Festa da Consciência Negra (novembro)



Personagens importantes

Tia Belinha

Matriarca do Quilombo Santa Justina/Santa Izabel. Muitas das atividades culturais são realizadas no "Espaço Cultural Tia Belinha", homenagem a ela, filha de escravizados que viveu no local e dedicou a sua vida à luta por liberdade dentro do quilombo.



CAPITULO 5

PARQUE ARQUEOLÓGICO E AMBIENTAL SÃO JOÃO MARCOS

@parquesaojoaomarcos

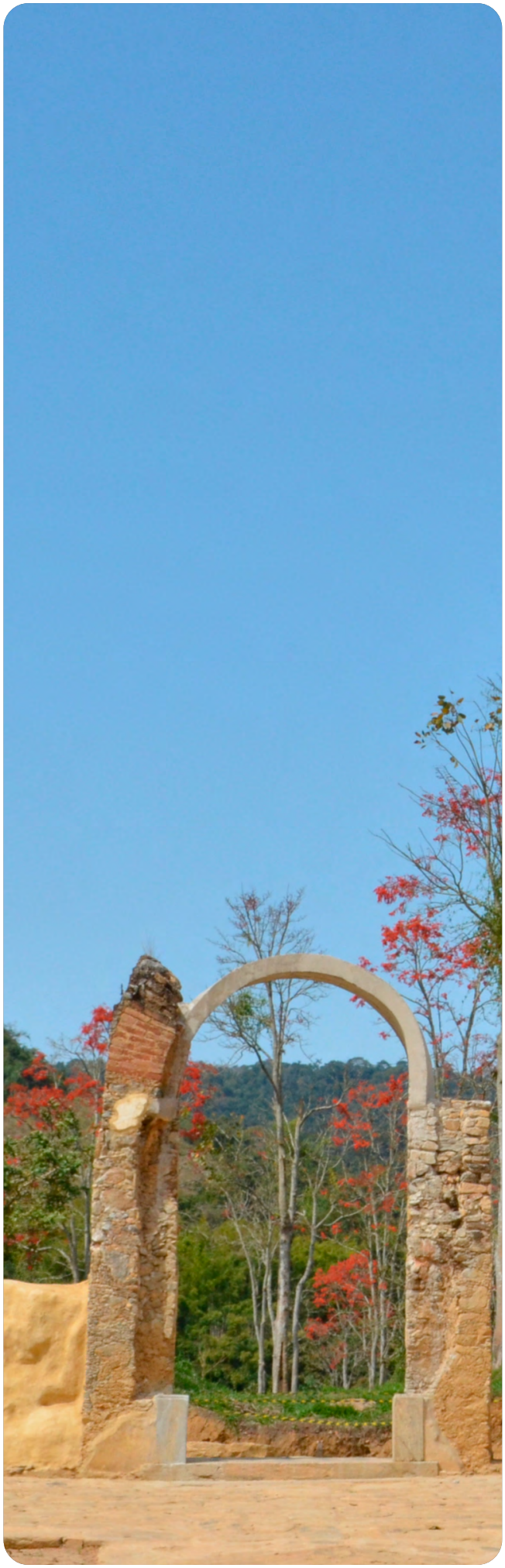


Entrada: Gratuita
Horário de funcionamento: quarta a domingo, das 9h às 16h, inclusive feriados
Infraestrutura: o parque conta com estacionamento, banheiros, quiosque
Site: www.saojoaomarcos.com.br
E-mail: contato@saojoaomarcos.com.br



Introdução

São João Marcos, fundada em 1733, foi uma cidade fluminense que alcançou grande prosperidade no século XIX devido à produção cafeeira. Milhares de pessoas escravizadas que chegaram por Mangaratiba foram trazidas para trabalhar nas fazendas de café e estradas da região. Conectada ao porto de Mangaratiba pela Estrada Imperial, a primeira estrada de rodagem do Brasil tornou-se um dos principais polos cafeeiros do país. Contudo, o declínio da produção após a abolição da escravidão em 1888 enfraqueceu economicamente a cidade, que tinha em sua população total cerca de oito mil escravizados. No início do século XX, a crescente demanda do Rio de Janeiro por energia elétrica levou à construção da represa de Ribeirão das Lages pela Light. Apesar de ser tombada pelo SPHAN em 1939, São João Marcos foi a primeira cidade a ter esse status revogado ainda no mesmo ano, por decisão de Getúlio Vargas, para viabilizar a desapropriação para alagamento e ampliação do reservatório. Somente em 1990 as ruínas foram novamente tombadas, desta vez pelo INEPAC.
Em 2011, o Instituto Light inaugurou o Parque Arqueológico e Ambiental de São João Marcos, que expõe as ruínas e se tornou um importante ponto turístico em Rio Claro, promovendo reflexões sobre responsabilidade social, meio ambiente e reparação histórica. O local conta com um Centro de Memória, Anfiteatro, Área de Guarda, o quiosque com receitas de Dona Cidinha, ex-moradora de São João Marcos e o Museu de Território, que compreende as ruínas da antiga cidade.



As ruínas da antiga cidade de São João Marcos

As ruínas da antiga cidade de São João Marcos são um testemunho da vida dos moradores que foram obrigados a abandonar suas terras, espaços de convivência e rotinas. Elas também narram a história dos sujeitos invisibilizados que contribuíram para gerar a riqueza não apenas da cidade, mas de todo o país. Os limites históricos de São João Marcos vão além do atual Parque Arqueológico e Ambiental. No século XIX, suas fronteiras, por exemplo, alcançavam o Bebedouro da Barreira, na antiga Estrada Imperial que conectava a cidade a Mangaratiba. Próximos a essa região estavam a Fazenda da Cachoeirinha, a Estrada do Atalho e o Porto do Saco, locais conhecidos por servirem ao tráfico e leilão de africanos escravizados. Marcos históricos, como trechos preservados da antiga estrada na entrada do parque, calçamentos em pé de moleque e edificações como a casa do Capitão-Mor e a igreja Matriz, evocam o poder econômico da cidade e da região, sustentado pela exploração de pessoas escravizadas.

Gastronomia típica

Quiosque São João Marcos

O quiosque do parque preserva o legado dos antigos moradores da cidade. Inspiradas nas receitas de Dona Cidinha, as opções do cardápio incluem pratos temáticos batizados em homenagem a figuras históricas, como o "Rango do Capitão-Mor" e o "Rocambole Pereira Passos" — uma referência ao prefeito do Rio de Janeiro nascido na cidade. Entre outras delícias, destaca-se a "Banana Capote".



Atrações e Atividades

Como parte do seu trabalho educativo e cultural, o parque conta com diversos espaços de lazer e entretenimento, além de organizar eventos e visitas guiadas pré-agendadas com escolas:

- Observatório de Pássaros Birdwatching
- Horta orgânica
- Mirante do parque: visão para o reservatório da represa de Ribeirão das Lajes
- Jardim sensorial Iara Faccini
- Viveiro de mudas (Viveiro São João Marcos)
- Espaço de leitura Fagundes Varela
- Espaço Obra Escola
- Caminhada ao ar livre pela vegetação nativa





INFRAESTRUTURA TURÍSTICA

zona portuária

ponto de informação turística

Rodoviária Novo Rio

Av. Francisco Bicalho, 1.
Diariamente, das 6h às 22h

transporte

O ponto de referência para chegada: sítio arqueológico do Cais do Valongo

Distância dos aeroportos

Aeroporto Internacional Antônio Carlos Jobim (Galeão): 15,7km
Aeroporto Santos Dumont: 4km

VLT

Estações próximas:
Parada dos navios (Linha 1 – Azul)
Harmonia (Linha 1 – Azul)
Parada dos Museus (Linha 1 – Azul)
Utopia AquaRio (Linha 1 – Azul)

Ônibus

Rodoviária Novo Rio / TIG – Cais do Valongo
415C - Central
355 – Tiradentes (Circular)
100D – Candelária
488B – Central (Parador)
526b – Central (Rápido)
520B – Central (Rápido)
265 – Castelo
417C – Central (Parador)

Aeroporto Internacional Antônio Carlos Jobim

BRT Linha ESP01 – Terminal Gentileza -> VLT Linha 1 (Azul)

Aeroporto Santos Dummont

VLT Linha 1 (Azul)



Taxi

Aplicativo oficial da cidade do Rio de Janeiro **Taxi.rio**

Estações de metrô próximas

Presidente Vargas
Uruguaiana
Central Acesso C

Aplicativo de mobilidade

Moovit

serviços

Delegacias

Delegacia Especial de Apoio ao Turismo
Av. Afrânio de Melo Franco, 159 - Leblon, Rio de Janeiro - RJ, 22430-600
(21) 2332-2924

Delegacia de Atendimento a Mulher
Rua Visconde do Rio Branco, 12 - Centro, Rio de Janeiro - RJ, 20051-080
02123329998

Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância
R. do Lavradio, 155 - Lapa, Rio de Janeiro - RJ, 20230-070
(21) 2333-3509

Hospitais

Hospital Municipal Souza Aguiar
Praça da República, 111 - Centro, Rio de Janeiro - RJ, 20211-350



Mangaratiba e distritos

Ponto de informação turística

Secretaria de Turismo e Cultura

Av. Vereador Célio Lopes, s/nº Centro
Seg a sex de 08h as 17h

Centros de Atendimento ao Turismo – Itacuruçá

Av. Dr. Raphael Levy Miranda – Cais de Itacuruçá

Transporte - Chegada em Mangaratiba

Por ar

Aeroportos mais próximos

87km do Aeroporto Santos Dummont
80km do Aeroporto Internacional Tom Jobim (Galeão)
30km do Aeroporto de Angra dos Reis

Por terra

Interestadual

Espírito Santo (811km de Mangaratiba)
Minas Gerais (504km de Mangaratiba)
São Paulo (389km de Mangaratiba)

Estadual

Rio de Janeiro (85km de Mangaratiba)
Itaguaí (34km de Mangaratiba)
Rio Claro (44km de Mangaratiba)
Angra dos Reis (55km de Mangaratiba)

Por mar

Santos, SP – Iate Clube de Santos (307 de Mangaratiba)
Rio de Janeiro – Marina da Glória (122km de Mangaratiba)
Paraty – Cais de Turismo Amyr Klink (76km de Mangaratiba)
Angra dos Reis – Cais Santa Luzia (34km de Mangaratiba)

Serviços

165ª Delegacia de Polícia – Mangaratiba
Estr. São João Marcos, s/n - Praia Do Saco, Mangaratiba - RJ, 23860-000

Delegacia da Capitania dos Portos - Itacuruçá
Praça Marcílio Dias, 1 - Itacuruçá, Mangaratiba - RJ, 23860-000
Pronto Socorro Mangaratiba

Hospital Municipal Victor de Souza Breves
R. Nilo Peçanha, 85 - Centro, Mangaratiba - RJ, 23860-000

Posto De Saúde Muriqui
Av. 7 de Setembro, 146-216 - Vila Muriqui, Mangaratiba - RJ, 23860-000

Quilombo da Marambaia

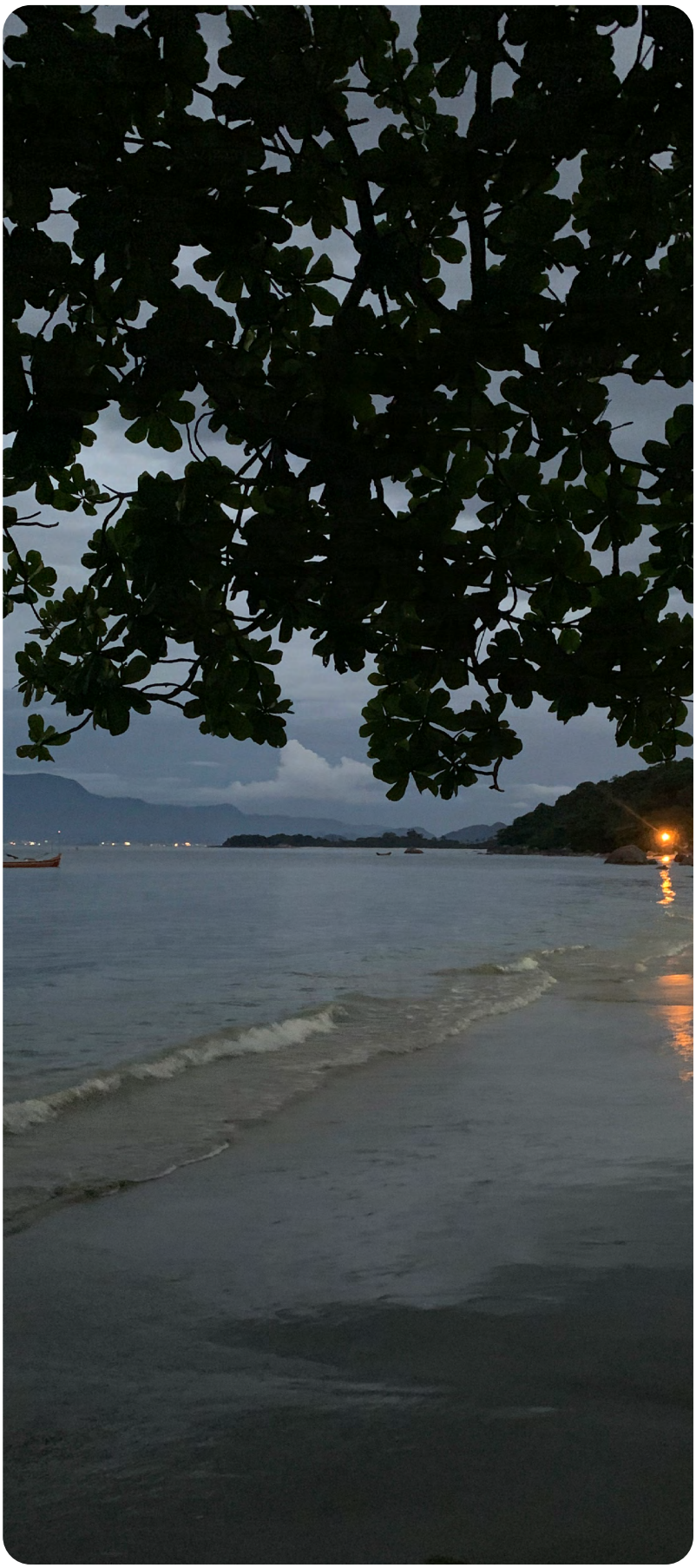
Transporte

A única maneira de acessar a Ilha da Marambaia e o Quilombo da Marambaia é por transporte aquaviário. Independentemente do meio escolhido, é necessário realizar um cadastro prévio na Marinha do Brasil, pois a área é compartilhada com a União.

O transporte realizado pela Marinha do Brasil opera em horários específicos, normalmente realizando duas viagens por dia. Recomenda-se a confirmação dos horários com os moradores locais de acordo com o dia em que se planejará realizar a visita.

Outra opção é utilizar as lanchas dos moradores locais, mediante agendamento prévio. Nesse caso, as informações pessoais do visitante são repassadas ao barqueiro, que se encarrega de informar a Marinha sobre a visita. Os valores do serviço podem variar conforme a ocasião.

Todas as embarcações partem do cais de Itacuruçá. O tempo médio de travessia com a Marinha é de cerca de 2 horas, com desembarque no cais do Centro de Adestramento da Ilha da Marambaia (Cadim). Já os táxis boats levam entre 30 e 50 minutos, dependendo do local de desembarque.



Quilombo Santa Justina/Santa Izabel

Transporte particular

Meio de transporte recomendado: carro

Saída: Mangaratiba: 7,1km

Deslocamento: 20 a 25 min

Transporte público

Considerando o centro de Mangaratiba (Prefeitura)

Linha: Mangaratiba – Praia do Saco
Tempo de viagem: 15 -20 minutos
Desembarque: Estrada São João Marcos, 169
Caminhada até o acesso ao Quilombo: 6 minutos mais a estrada da APAC

Linha: Mangaratiba – Ingaíba **OU** V123 OU 457U – **OU** Mangaratiba-Itacuruçá (Via Muriqui/Axixá) **OU** 117T
Tempo de viagem: 15 -20 minutos
Desembarque: Estrada São João Marcos, 40
Caminhada até o acesso ao Quilombo: 15 minutos mais a estrada da APAC



Parque Arqueológico e Ambiental de São João Marcos

Transporte particular

Meio de transporte recomendado: carro

Caminho pelo litoral

Saída: Mangaratiba: 20km
Deslocamento: 35 a 40 minutos

Saída: Sahy: 26,8km
Deslocamento: 39 a 45 min

Saída Muriqui: 36,3km
Deslocamento: 50 a 60 min

Saída: Itacuruçá: 40,8km
Deslocamento: 50 a 60 min

- No trevo de Mangaratiba, vire à direita para pegar a Serra do Piloto (RJ-149).
- Alguns trechos estão protegidos pelo Patrimônio Histórico Nacional e por isso mantém o calçamento original de pedras e terra.
- Subindo a estrada em sentido a cidade de Rio Claro, a entrada do Parque fica à direita da pista, aproximadamente 20km de Mangaratiba

Telefones Úteis

- Corpo de Bombeiros: 193
- Polícia Militar: 190
- Pronto Socorro: 192
- Procon: 151
- Anac: 0800 725 4445
- Infraero: 0800 727 1234
- Agência Nacional de Transportes Terrestres: 166
- Central de Atendimento à Mulher: 180
- Correios: 0800 725 7282
- Direitos Humanos: 100
- Dique CCR RioSP: 0800-017-3536





memotur

Núcleo Multidimensional
de Memória e Turismo

APOIO

FINANCIAMENTO